

COSTA, Maria Teresa. Abandono expõe prédios históricos a incêndio: edifícios antigos que compõem o patrimônio arquitetônico da cidade não passam por vistoria há quatro anos. Correio Popular, Campinas, 22 fev. 1994.

MARIA TERESA COSTA

Dos escombros deixados pelo incêndio que na sexta-feira destruiu o centenário Solar do Visconde de Indaiatuba, restaram fagulhas que estão pondo à mostra a fragilidade do acervo arquitetônico e cultural de Campinas. Grande parte dos prédios tombados, deteriorada e precisando de restauração, corre o risco de ser mantida na memória da cidade apenas por fotografias. Instalações elétricas antigas e sem manutenção, paredes ruindo, infiltrações de água e abandono, os prédios históricos de Campinas há pelo menos quatro anos não passam pela fiscalização da Comissão de Vistoria e Prevenção Contra Incêndio e Pânico, que nesse período ficou desativada. A comissão, reativada há nove meses, desconhece a situação em que se encontram os bens históricos e prepara esta semana uma vistoria no Solar do Barão de Itapura (Puccamp Central), prometendo interditar o prédio caso as reformas pedidas em julho do ano passado não tenham sido realizadas.

Independente dos lauros dessa comissão, a fragilidade das edificações históricas nem sempre está escondida embaixo de telhados ou trancada atrás de portas. Um dos exemplos visíveis é o prédio dos antigos escritórios da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, que teve, na semana passada, aberto processo de tombamento. Construção de 1891, que abriga hoje a Delegacia Regional de Cultura, o Museu Universitário da Puccamp e o Museu Histórico e Pedagógico Campos Salles, só não pegou fogo até agora por milagre, diz a diretora do Museu Universitário, Regina Marcia de Moura Tavares. "A estrutura elétrica está péssima, o prédio está abandonado", critica. Uma das salas, o Salão Barroco, caiu e está interditada. A última vistoria, feita há três anos a pedido de Regina Marcia, já dizia que toda a instalação elétrica tinha que ser trocada. "Só que até agora nada foi feito", conta. Esse prédio é de propriedade da Fepasa. A diretora lembra que nesse prédio, além de todo material da Delegacia de Cultura, há 28 mil peças no Museu Universitário, pertencentes ao acervo indígena, feitos em madeira e fibra vegetal, onde um incêndio seria trágico.



"Depois do Museu do Índio no Rio de Janeiro, nosso acervo é o mais precioso. É reconhecido internacionalmente. Mas a única coisa que vejo são técnicos do Estado fotografando o prédio, fazendo projetos, mas nada acontece para restaurá-lo e torná-lo seguro", diz.

Outro prédio, que já está literalmente tombando, é o casarão da Rua Padre Vieira, de propriedade da Irmandade de Misericórdia de Campinas. Em 1988, um incêndio destruiu o imóvel e sua estrutura está frágil, podendo desmoronar a qualquer momento. As paredes só permanecem em pé porque estão escoradas por vigas de madeira. O assoalho tem enormes buracos. As janelas ameaçam despençar, as telhas desapareceram e os 14 cômodos da casa sofrem um processo intensivo de deterioração. Em 1990, a Prefeitura chegou a colocar uma lona preta para evitar que o imóvel se deteriorasse ainda mais, mas a medida nenhum resultado trouxe. A lona rasgou e o imóvel continua, a cada dia, avançando para ser apenas uma memória na fotografia. O provedor da Irmandade de Misericórdia, Honório Chiminazzo, diz que a competência de restauração é da Prefeitura. "Nós alugamos o prédio para a Prefeitura, que iria instalar no local o Museu da Imagem e do Som e pelo contrato era a Prefeitura quem tinha de restaurar", disse, lembrando que a Irmandade luta agora para destombar o prédio para poder demolir e vender a área. A Prefeitura, por sua vez, diz que busca recursos da iniciativa privada para poder fazer a restauração e dar destinação cultural ao prédio, um chalé em estilo eclético do final do século.